

5. A REPRESENTAÇÃO DO MUNDO

239

...a concepção teológica do mundo não exclui **outras formas de imaginar**, na sequência da tradição da Antiguidade Clássica, nem por outro lado, a **sedução exercida pelo elemento aquático**, ou a procura de protectores divinos que exorcizassem os perigos da viagem marítima, o que garante, no século XIII, o sucesso dos relatos de viagens exóticas e constitui uma real preparação das mentalidades para partir em direcção ao desconhecido, no mar e na África.

José Mattoso

Das duas componentes deste universo, a **marítima** e a terrestre, a primeira era, sem dúvida, a mais difícil de circunscrever, de conceptualizar. O elemento aquático é o mais multiforme, instável, inseguro e perigoso. Está associado a uma série de divindades que vão desde deuses fluviais a génios protectores de fontes e nascentes, a que se presta um culto local ou regional, como os praticados na Península Ibérica a Tameóbrigo, Durbédico ou Bormânico, até uma série de seres míticos como **sereias**, nereidas e tritões que povoam os mares. A tais divindades liga-se uma constelação de histórias, fábulas e mitos que acentuam sobretudo o seu **carácter vingativo e traiçoeiro**, características do meio geográfico que representam.

Luís Krus

Elemento Marítimo Actividades: Pesca, Comércio, Pirataria (sectores da sociedade clássica considerados inferiores ou por ela hostilizados)

Assim, tendo sobretudo **conotações pejorativas, nefastas e maléficas**, é relegado para a categoria de mundo circundante, sobre ele desenvolvendo-se toda uma série de tópicos culturais que insistem no seu aspecto negativo e lhe dão como lugar um exterior que se receia.

Luís Krus

Desenvolvimento técnico **Domínio do Elemento:**

Tendência para a **unificação conceptual e hierarquização do culto Poseidon-Neptuno / Oceano: aglutina as características de diversas divindades marítimas**

Melhor conhecimento da divindade Ritos propiciatórios mais codificados; **representação iconográfica mais naturalista** (mosaicos fauna e seres míticos do mar: tornam-se elementos decorativos)

242

Nas civilizações marítimo-comerciais mediterrânicas, com que a Península Ibérica se relacionou ou integrou, o mar não é apenas um **factor de perigo** individual ou colectivo. É, também, um **meio de riqueza, de prosperidade**. Uma realidade vivencial. É representado, através dos elementos que se lhe associam ou dos heróis que o dominaram, na cerâmica, nos mosaicos. As habitações ornamentam-se com representações de cenas marítimas, os objectos de uso quotidiano como as lucernas mostram a sua contínua presença.

Luís Krus

245

Concepção Teológica do Mundo Representações Cartográficas

O Ocidente medieval conheceu **duas concepções distintas da Terra**: uma, de origem **latina**, implicando a ideia de um **disco circular plano** de que os três continentes (Ásia, África, Europa), rodeados pelo oceano, ocupam toda a superfície; outra, de origem **grega**, de uma Terra esférica cujo único hemisfério conhecido se apresenta dividido em duas partes pelo Equador, ao Norte do qual se encontram os três continentes habitados e a Sul um outro continente Das duas concepções e respectivas expressões cartográficas aquela que triunfa no Ocidente, é a **latina**.

... a **forma** era mais importante do que o próprio conteúdo do mapa. Menosprezando a nomenclatura geográfica que se vai reduzindo nas cópias mais tardias de uma mesma obra, os clérigos letrados passam sobretudo a interessar-se pelo **valor simbólico das figuras geométricas** que sintetizam em si a representação do universo.

246

... Para além dos mapas T-O que são ... as representações cartográficas do mundo mais frequentes na Idade Média, circula um outro tipo de cartas ecuménicas em que os continentes conhecidos são apresentados com contornos geográficos, testemunhando já um desejo de maior realismo Nelas o simbolismo da forma passa a dar lugar ao **simbolismo do conteúdo**. O espaço figurado está povoado de prósperas cidades, onde se guardam múltiplas relíquias e riquezas. É um espaço de abundância, próprio do imaginário de um Ocidente rural empobrecido. Um espaço em parte profanado, ocupado por infiéis, que se torna necessário evangelizar, para que o Mundo se purifique e que reunificado se reencontre na sua origem divina, caminho necessário à salvação universal.

... Mas se os mappaemundi apontam sobretudo para as concepções geográficas do clero, dos letrados, não deixam de reflectir o que sobre elas pensava a Cristandade em geral. São a expressão gráfica de um mundo ordenado e voltado para Deus. Era essa a realidade em que se acreditava.

Luís Krus

249

O Tempo, a Natureza e a Sociedade

Os monstros são entendidos como um convite à reflexão sobre a ordem divina. Nos mapas medievais têm a categoria de marginais geográficos. Povoam o mundo exterior à Cristandade: os confins da Ásia e da África, o quarto continente desconhecido, os Antipodas ... são perigosos porque podem invadir o espaço cristianizado.

... Progressivamente, **a natureza vai ser entendida como um espelho** no qual a sociedade se contempla, e é com essa função que ela aparece no **Bestiário Românico**.

Luís Krus

MARTINS Alegorias, Símbolos e Exemplos Morais da Literatura Medieval Portuguesa, Lisboa, 1975.

257/259

O **Bestiário Medieval** teve a sua consagração na **escultura românica**. Nos pórticos, arquivoltas e capiteis de igrejas e mosteiros, figuram toda uma série de **animais que simbolizam as virtudes e os vícios**, associando-se a determinadas personagens, episódios e dogmas consagrados nos textos sagrados.

Encontro entre o Bestiário erudito e popular, a escultura românica testemunha o papel unificador da cultura clerical, numa perspectiva de leitura global da natureza. Do mesmo modo que a partir do século VIII se assiste ao desenvolvimento de para-litúrgias ... que visam cristianizar toda uma série de rituais pagãos ligados aos actos da vida quotidiana, também o **românico figurativo** associa, ao espaço cristão e ao templo, as virtudes dos animais e plantas próprias das sociedades agro-pastoris, cristianizando-as e moralizando-as.

A fauna conhecida e familiar figurava em oposição e luta, chamando a atenção dos fieis para o tema da **punição** e do esperado **combate final** que não só envolve toda a humanidade, como a natureza e que fará dos homens feras que se enfrentam e destroem sem respeitar as leis da convivência de origem divina. O boi, o carneiro, o burro, misturam-se com os animais do bosque, como a raposa, o lobo ou o urso e mesmo com as aves de rapina, como a águia, ou com os répteis, como a serpente.

Ao mesmo tempo divulga-se um **bestiário externo à fauna europeia**. São disso exemplo as figuras do macaco, do camelo, do elefante e do leão, tal como aparece na escultura exposta. Animais conhecidos dos textos bíblicos e que serão reencontrados nas viagens e expedições ao Ultramar. A sua simbologia, conhecida e vulgarizada no Ocidente, tenderá a contribuir para a caracterização global das novas terras

O **leão** tanto pode significar as **forças maléficas e demoníacas**, o que acontece sobretudo nos **capiteis de Rio Mau**, como o **Cristo Redentor**, o que bem mostra a **ambivalência dos símbolos animais** e a necessidade de os integrar em conjuntos iconográficos como condição para lhes interpretar o sentido último.

A peça exposta diz respeito ao segundo dos significados referidos. Faz parte de um conjunto escultórico conservado no Museu Machado de Castro e proveniente da desaparecida igreja de **São Pedro de Coimbra**. Compreende quatro pares de Leões que suportam as pilastras da capela-mor e dois tetracolíunios provavelmente da fachada principal. **Os pares de leões exerceram muitas vezes a função de suporte ou a de guardiães dos templos**. No presente caso, para além dessa função genérica assumem o papel de **justiceiros**: entre as suas patas **uma figura demoníaca** repare-se na forma das orelhas e na barba que se associa à luxúria **recebe o castigo divino**.

Luís Krus

257/259

O Mar

Como qualquer outro elemento natural, o mar passa a ser conceptualizado de acordo com uma visão teológica do mundo.

Nas regiões continentais do Ocidente, afastadas da faixa marítima e que em muitos casos estiveram excluídas da comunidade romana, o que faz com que a memória da civilização mediterrânica seja essencialmente literária, circulando apenas por meios clericais, através dos textos comentados nas escolas, **o mar é a fronteira exterior da Cristandade**. Os seres que o habitam, as tragédias de que é responsável, os povos que por ele circulam, definem o anti-mundo que tem por função o reforço da coesão do espaço cristão.

Nas regiões mediterrânica e atlântica, o mar é uma realidade quotidiana. Nas suas costas existem comunidades piscatórias que lhe aproveitam os recursos e praticam a cabotagem. Aí se desenvolvem, ao longo dos tempos, toda uma série de práticas religiosas, como **cultos a divindades marítimas** e rituais propiciatórios, que procuravam neutralizar os seus efeitos negativos. Tais práticas encontram coerência, num primeiro momento, no âmbito das civilizações romana ... e celta (ligado ao mundo insular atlântico). Fundo cultural que permanece durante toda a Idade Média, sendo parcelar ou totalmente cristianizado à medida que avança a cristianização.

Mas, na Alta Idade Média, o litoral europeu, quer mediterrânico, quer atlântico, é assolado por povos não cristãos e que parecem prefigurar os previstos tumultos dos fins do tempo, revelados no Apocalipse. O mar é a via que os conduz. Comunga do seu carácter destrutivo, demoníaco.

No norte de África, da Península Ibérica, das ilhas britânicas partem clérigos em direcção às regiões continentais. Ao mesmo tempo que evangelizam a Gália e a Germânia, levam consigo a notícia de invasões: dos Árabes, dos povos nórdicos. Preconizam, com o apoio do papado, o fortalecimento da Cristandade, preparam a sua resistência, o império que lhes dê segurança e unidade. **O Ocidente rural passa a temer o litoral, o mar**. Regista, com apreensão, os prodígios que nele ocorrem, as manifestações do mal de que é cenário. Nos mosteiros relêem-se os moralistas da Antiguidade, hostis à vida marítima.

Mais do que nunca **era preciso cristianizar o mar**, proteger-se da sua negatividade. Nas representações cartográficas do universo excluem-se, em geral, os oceanos. Nega-se a sua existência. Medida externa. A via mais seguida foi a de neles situar um sem número de manifestações divinas. As **ilhas**, reais ou simbólicas, preenchem os mares. Nelas se situam **mosteiros e eremitas** que as consagram a Deus. A sua função em termos de imaginário é semelhante à desempenhada pelos santuários que proliferavam nas florestas e locais ermos: neutralizar os poderes maléficos a que continuamente se associavam.

Tal como os locais santificados da floresta passam a constituir uma rede de caminhos a percorrer pelos fieis, em busca de milagres e graças divinas, também o mar passa a ser um conjunto de rotas frequentadas ... pelos eleitos e pelos santos. É nele que se desenrolam peregrinações em busca do Paraíso. É dele que surgem relíquias, restituídas milagrosamente à Cristandade.

Os esforços para a **integração do mar no universo cristão** partem sobretudo, como não podia deixar de ser, das regiões mediterrânica e atlântica do Ocidente. Resultam, em muitos casos, da **cristianização de temas relativos às aventuras míticas de heróis da Antiguidade**, como Ulisses ou Hércules ou aos protagonistas das sagas nórdicas. Reflectem o desejo de encontrar **interessores** que protejam os que se dedicam à faina marítima ou que intentam a sua travessia. E, também, a legitimação teológica dos que se entregam às renascentes actividades comerciais.

No Bestiário da escultura românica estão presentes elementos marítimos. O **peixe**, desde há muito símbolo cristológico, **embarcações**, que ilustram temas de inspiração bíblica como o da Barca dos Justos e a Barca dos Pecadores e, entre os animais fabulosos, as **sereias**. Trata-se de um tema da Antiguidade Clássica: os seres míticos e lendários que outrora povoavam os mares, reaparecem na iconografia do Ocidente no momento em que as actividades marítimas retomam alento.

A visão do mar é aí ambígua. A figura da **sereia** é o produto de antigas tradições culturais, muitas vezes antagónicas. Tanto se associa a elementos que protagonizam os valores da **salvação** e da **redenção**, como a eles se opõe, enquanto **emblema das forças do Mal**, do **pecado**. Quando é representado sob **traços femininos** é o tema da **sedução** que prevalece sobre o carácter positivo ou negativo do símbolo. Seja como for, **o mar passa a integrar a iconografia do templo**, a comungar do espaço sacralizado. É um passo na direcção da sua reabilitação em termos do imaginário ocidental.

Paralelamente, definem-se as forças que têm por missão proteger os que se dedicam à vida marítima. O culto dos santos desempenha essa função. Certos deles, como S. Cristóvão, readaptam-se a essa necessidade A circulação dos homens em viagem peregrinações, guerras, negócios incentiva-se, acompanhando o dinamismo económico. Ela implica o ultrapassar de obstáculos naturais, como rios e mares interiores e a existência de especialistas da travessia, os barqueiros, que suprem a falta de pontes seguras. Viajantes e barqueiros necessitam de protecção divina que afaste o perigo da morte nas águas revoltas.

O processo é idêntico no que respeita à travessia das águas exteriores, do mar. Aí não se trata, apenas, dos viajantes, mas também dos que quotidianamente se dedicam à faina marítima, os pescadores. Temporais, inundações, naufrágios, são realidades presentes. A protecção contra os terrores do mar faz-se pela invocação de santos patronos, daqueles que nas suas hagiografias passaram pelos mesmos perigos ou que se mostraram pródigos em milagres para as populações marítimas

É, também, o mar que constituirá uma das vias pela qual o Ocidente peninsular avançará em direcção ao coração do poder islâmico

Mas a aventura atlântica tem outros antecedentes. Se a odisséia marítima de S. Vicente encontra o seu centro histórico no Mediterrâneo, fazendo eco das viagens dos heróis da Antiguidade e das suas deambulações pelo mar, as navegações pelo oceano fazem parte das tradições dos povos celtas.

... A corte celestial, na sua máxima hierarquia, apoia os navegantes, como o rei os mercadores. **Das sereias a Maria**: a protecção divina para os que circulam no mar é cada vez mais cuidada

Luís Krus

272/273

Sereia-peixe (capitel)

São Pedro de Coimbra, século XII

No **românico português** encontramos os dois tipos de sereias conhecidas da Idade Média: a **sereia-pássaro** e a **sereia-peixe**. A **sereia-pássaro**, ser formado por uma cabeça humana e corpo de ave, tem origem na Antiguidade Oriental e é transmitido ao Ocidente pelas duas grandes correntes artísticas mediterrâneas -- a grega-bizantina e a sassânida-copta-muçulmana. Representava a alma dos mortos podendo, na qualidade de duplo humano, ter uma cabeça de homem ou mulher.

A **sereia-peixe**, como motivo iconográfico, também tem origem oriental, sendo transmitida ao Ocidente pela arte greco-romana. Contudo, os seres formados por um corpo de peixe e cabeça humana representavam não as sereias mas divindades marítimas como os tritões e nereidas.

São os **Bestiários Medievais** que estabelecem a confusão considerando os dois tipos de representação como variantes de um mesmo tema, o da sereia e produzindo uma interpretação de atributos que não pouco contribui para a sua ambiguidade. A **sereia-pássaro** não é muito comum no românico português. O seu centro difusor é Coimbra. Na arte coimbrã surge associada a outros seres fantásticos que comungam do seu **carácter diabólico** ou **tentador**: o dragão, o basilisco, o centauro e a harpia, que tendo corpo de quadrúpede e cabeça humana, certas vezes se confunde com ela. Aproxima-se assim do significado que teve na época homérica e que apareceu num conhecido episódio da Odisseia: seres malditos, representando as almas de mortos condenados, que exercem sobre os homens, através dos seus cantos melódiosos, uma atracção irresistível que os leva à perdição. Daí o contágio com a figura demoníaca da **serpente**: no Bestiário Medieval muitas **sereias-pássaro** têm cauda serpentiforme. Parte destes significados são transmitidos à figura da **sereia-peixe** e ao elemento que simboliza o mar.

Mas, se a **sereia-pássaro** faz parte de um **bestiário culto e decorativo**, próximo da arte oriental, facto a que não deve ser alheio o trabalho desenvolvido em Coimbra por diversos artistas árabes, a **sereia-peixe** integra-se num **bestiário mais popular**. Manuel Real ... considera-a "uma espécie típica do românico situado entre as bacias do Cávado e do Douro".

Contrastando com o carácter maléfico das sereias-pássaro, **as sereias-peixe têm um significado benfazejo e protector**, como o atesta a sua associação com o **peixe**. símbolo cristológico e redentor. Estão mais próximas das divindades marítimas da Antiguidade Clássica, como os tritões e nereidas, que representavam a fertilidade e abundância do meio aquático. **Os dois principais focos de irradiação do tema da sereia-peixe são as igrejas de Rates e Travanca**, que irão influenciar a escultura de templos situados a grande distância. **O tema surge numa zona que se caracterizou pelo culto de divindades aquáticas nas épocas romana e pré-romana**.

Dir-se-ia que a sua enorme aceitação, não excluindo sequer uma origem externa do motivo iconográfico, se insere num ressurgimento cristianizado destes cultos, a que alguns autores apontam origem celta e que corresponde à necessidade de representar num espaço sagrado, o templo, símbolos que remetem para a vida marítima e para as actividades com ela relacionadas.

O capitel exposto é proveniente da hoje desaparecida **São Pedro de Coimbra**. O templo, de que existem notícias para o século X, é reconstruído na segunda parte do século XII, sendo contemporâneo ou pouco posterior à **Sé Velha**, onde se representam diversas **sereias-pássaro**. A escultura de São Pedro está influenciada pela arte de Entre-Cávado-e-Douro e, mais concretamente, pelo centro artístico que foi o mosteiro beneditino de **Rates**. O que significa que mesmo num centro urbano dominado por uma requintada estética moçárabe, penetra uma corrente artística mais próxima das necessidades culturais de uma sociedade rural cuja sensibilidade religiosa melhor se adapta à simbólica o bestiário. Assim, **em Coimbra, tal como acontece em Braga, encontramos representadas as duas facetas da sereia**, ao fim e ao cabo a ambivalência do mar nas representações culturais medievais.

Luís Krus

Sereia-peixe (capiteis)

Guimarães, século XIII

MATTOSO, José A Nobreza Medieval Portuguesa. A Família e o Poder, Lisboa, 1977, pp. 55/98.

A proveniência dos capiteis é ignorada. Contudo, M. Real atendendo à importância concedida aos peixes e à orla de folhas junto ao ábaco, filia-as na escola de **Rates**.

Tal como o capitel de São Pedro ..., também aqui as **sereias-peixe** se associam a um símbolo cristológico, adquirindo um significado benfazejo e protector. O que não significa que, por vezes, graças à contaminação com as características próprias da **sereia-pássaro**, não se apresentem como figuras nefastas. Sirva de exemplo um capitel da nave colateral sul da igreja de **Travanca** (Amarante) onde se esculpiu o tema do **castigo da sereia**: ela surge associada ao motivo dos **leões justiceiros** ...; se no portal norte da mesma igreja lutam com a serpente, neste caso castigam a **sereia tentadora e demoníaca**. O mar, elemento a que se refere a sereia, aparece assim carregado de negatividade, traição e perigo.

Mas não é só a escultura que testemunha a popularidade da sereia-peixe. Também a **literatura** nos fornece materiais acerca deste ser marítimo. O **Nobiliário do Conde D. Pedro de Barcelos**, composto em 1340, recolhe uma lenda em que esta aparece como antepassado mítico de uma família nobre galega, os **Marinhos**, que têm ligações com nobres portugueses. Esta história que certamente não surge isolada, como o atestam vários relatos conservados por via oral e mais tarde registados por escrito, insiste no carácter ambíguo da figura: sedução e fertilidade; interdito e vingança. O herói fundador da linhagem enfrenta assim o perigo que constitui o ser marítimo e neutraliza-o pela sua valentia, tal como os heróis da Antiguidade combatiam o mar, os seus deuses e perigos.

Luís Krus